

Que se afaste o medo!

Do racismo na França ao tribalismo no Congo: condenado pelas opiniões mas impregnado nas mentes

Merdi Mukore

| RD Congo | França |

traduzido por Gabriela de Sousa Nunes

Um homem espancado durante uns vinte minutos por policiais. A imagem é brutal, mas há quem possa rapidamente deduzir que a cena se passa num país tido como mau aluno na escola dos Direitos Humanos. O vídeo capturado por uma câmera de vigilância mostra um produtor musical sendo espancado por policiais, agentes das forças de ordem, em plena Paris. Que tapa na cara!

Vários outros vídeos acabam por revelar o segredo de uma intervenção em que um policial, sob o olhar complacente dos seus colegas, se dá ao luxo de bater em um homem no chão a ponto de machucar a si mesmo. Um internauta, passando os dedos pela tela de um smartphone faz uma pergunta idiota: “Se Michel Zecler fosse branco, teria tido direito a tão distinto tratamento de honra? Um preto morando no 17^o *arrondissement* com certeza é suspeito!” Que absurdo! Mas a realidade é uma em que muitos têm dificuldade em assimilar: discriminação no país da igualdade e da fraternidade. Quem poderia acreditar?

Obama não é uma das personalidades preferidas dos franceses? Dê uma volta, a França não é racista, assim como o Congo não é tribalista. E ponto final!

Um mundo ideal é aquele onde tudo vai bem, todo mundo se ama, todo mundo se respeita e todos são tratados com imparcialidade. Um mundo onde não falaríamos a uma mulher que para uma negra, até que ela é bonita. Não é o Congo onde um kinshasense — aberto e

acolhedor com todos — falará para você que não se deve colocar um Luba num cargo de responsabilidade, pois é grande o risco de que seja zeloso até demais. O racismo na França é semelhante ao tribalismo no Congo: condenado pelas opiniões, mas impregnado nas mentes. Eis o motivo! Por que um bebê chora depois de sair do corpo da mãe? Ele não está mais no seu meio de vida natural; acabou de aterrissar num lugar estranho, então protesta. Ele tem medo. É a natureza humana, uma natureza hostil à mudança e que lamenta sair da sua zona de conforto.

A nódoa histórica dos preconceitos

Era uma vez... o código negro. Ninguém precisa afirmar que a escravidão é um dos crimes mais cruéis, se não for — o mais cruel — contra a humanidade, mas em dada época esse crime monstruoso era legal, ou melhor, justificado. O código negro, um conjunto de textos jurídicos falando essencialmente da administração e condição dos escravos dos países do império colonial francês entre 1685 e o fim do Antigo Regime, justifica através do racismo a escravização de pessoas deportadas da África. Estamos em 1685, sem esquecermos que a escravidão foi abolida na França em 1848, mas as considerações raciais continuam sobrevivendo até os nossos dias. Mas como?

Em 1853, ainda na França, aparece a primeira edição de um ensaio saído diretamente do imaginário de Arthur de Gobineau. O diplomata francês assina, por meio desse longo texto, uma obra de referência à ideologia racista “fundada” sobre a autoridade da ciência.

Gobineau exprime sua inquietude, pois a espécie humana não pode escapar da sua própria decadência. Cruel como o destino! Ele faz uma recapitulação da história através das civilizações. Gobineau visita os mongóis, os egípcios dos tempos dos faraós, os assírios, fenícios e arianos... um tour pelo mundo em menos de vinte e quatro dias e descobre a causa do desaparecimento programado da humanidade.

O aquecimento global? Não! O relativismo moral? Jamais! As políticas e sua fome pelo poder

absoluto? De jeito nenhum! A Covid-19? Isso não existe!

A mestiçagem? Bingo! Gobineau defende que o mundo está morrendo por causa da existência de várias raças que não param de se misturar. O autor é pessimista e tenta pensar um mundo ideal, um mundo onde cada raça deve ficar no seu lugar. A raça branca, repleta de beleza, inteligência e força, na sala VIP; a raça amarela, com uma tendência medíocre, num canto aceitável e, a raça negra, em consideração à nulidade de sua inteligência, estaria coberta pela imundice.

Para o sociólogo Pierre-André Taguieff¹ Pierre-André Taguieff, *La couleur et le sang : doctrines racistes à la française*, Paris, Mille et une nuits, 2002, Gobineau não toma nenhuma distância crítica por acumular, na sua descrição da raça negra, os mais bestializantes e criminalizantes preconceitos e estereótipos negrófobos. Gobineau publica o *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* cinco anos após entrar em vigor a constituição francesa de 1848, abolindo a escravidão e acabando com todas as formas de discriminação de classe e casta. O contexto! Sem contradizer as teses que afirmam que o livro não é um credo do racismo, ou que é necessário distinguir este último do racialismo, a história retém que esse ensaio deu crédito a todos os preconceitos que alimentam as teorias racistas. Assim demonstrou Hitler.

É necessário sublinhar que originariamente Arthur de Gobineau estava *simplesmente* inquieto. Sua inquietude repousava sobre uma visão de mundo em que homens e mulheres de diferentes raças viveriam em perfeita simbiose. Os preconceitos que ele sempre nutriu contra outras raças o projetaram para um futuro apocalíptico onde o ser humano seria meio anjo meio demônio. Que catástrofe!

Arma de uma causa política

A origem do tribalismo no Congo democrático revela-se confusa, pois o termo “tribo”

sujeita-se a uma ambiguidade criada pelo colonizador. Certamente guiado pela ignorância, o colonizador chamou de tribo grupos de pessoas que se diferenciavam umas das outras de acordo com critérios que ele mesmo julgava objetivos. Talvez se ele estivesse mais interessado nos africanos que em seu subsolo, teria constatado que sua definição fundada sobre uma organização social fixa e estática não correspondia às realidades culturais africanas.

No entanto, após a conspiração de Berlim de 1885, as fronteiras vieram delimitar as extensões dos novos Estados criados do zero por homens que teriam vindo “civilizar” o continente. Que audácia! A exemplo da República Democrática do Congo, antigo jardim privado de Leopoldo II, que conta com mais de 400 etnias, comunidades inteiras se viram divididas e outras, antes estrangeiras, foram reunidas sob uma mesma jurisdição.

Que bagunça! Certamente, antes da colonização, existia uma relação de exclusão entre as comunidades, uma outra inquietude expressa por Gobineau baseada em preconceitos que têm valor real para quem neles acredita. A cacofonia mantida pelo colonizador, obrigando comunidades que durante muito tempo coabitaram de forma hostil, não inspirava de forma alguma a paz. Pouco importa, essa situação foi uma benção para o “civilizador” impor seu poder.

Dividir para reinar, não mudamos a fórmula vencedora!

Entre os anos 1894 e 1949, a administração colonial belga se esforçou para reunir as populações congolosas em tribos, para assentar sobre elas o seu poder. Encaixando os passos com os de Gobineau, ela procedeu uma espécie de hierarquização das tribos criadas. Aquelas cujos membros pareciam mais receptivos aos ideais do colonizador eram consideradas superiores àquelas que ficavam reticentes. Mantendo a atenção para não negligenciar nenhum detalhe, a tribo ou etnia de uma pessoa era obrigatoriamente mencionada em sua carteira de identidade, além do fato de que a organização das cidades reagrupava habitantes de acordo com seu modo de vida ou o idioma comum. E ainda não acabou! Sendo a natureza um hábito, as associações de caráter tribal nasceram com a

benção da administração colonial que fez com que atuassem como intermediárias naturais na relação com a população.

As diferenciações tribais foram de tal forma impregnadas que, na noite de 30 de junho de 1960, quando o Congo belga se tornou independente, quase todos os partidos políticos existentes eram, na verdade, a transposição das associações sociotribais como, por exemplo, a ABAKO — Aliança dos Bakongos — o partido de Joseph Kasa-Vubu, primeiro presidente da CONAKAT — Confederação de Associações Tribais de Catanga — partido de Moïse Tshombe. São práticas que permanecem na atualidade.

Mobutu e seus 32 anos de reinado vieram frear a hegemonia tribal no âmago da sociedade congolosa pela imposição do pensamento único, sem colocar totalmente as coisas nos eixos. Lembremos da “caça aos Kasaiens” da província de Catanga nos anos 1991-1992, no momento em que Mobutu tinha uma queda de braço política com Etienne Tshisekedi. Eis velhos demônios que ressurgem ainda em 2020 com as tensões políticas entre o campo do antigo presidente Joseph Kabila, originário da província de Catanga, e o de seu sucessor Félix Tshisekedi, um Kasaien.

Aqueles velhos demônios que lembram que Patrice Lumumba, Herói nacional e originário da província de Cassai, foi assassinado em Catanga, província natal de seu inimigo Tshombe. É uma prática corriqueira em Kinshasa recusar um contrato de locação por causa de origens étnicas. É até mesmo considerado um insulto ser chamado de *Muyaka*, pois os Bayaka são vistos como um povo primitivo que não consegue se adaptar à modernidade. Reza uma lenda popular que um *Mungala* é um ladrão clarividente. Então, um falante da língua suahili deve ter muita prudência se tiver que conviver com um *Mungala*, pois este seria um especialista em envenenamentos.

Medo da diferença e da mudança

O racismo e o tribalismo são uma manifestação do medo. Sim, do medo. Quem nunca teve

medo? O homem tem medo quando acha que está em perigo. Compreendemos, assim, porque Sartre relega “os outros” ao inferno. O medo do estrangeiro exige considerá-lo com base no que está “colado” às suas origens. E é aqui onde se esconde a besta, pois assimilamos a descendência de um ladrão a um trapaceiro. A filha de uma prostituta não tem outro futuro a não ser a zona, é inquestionável! Podemos até mesmo afirmar que as hienas não fazem filhotes de cachorro, isso é óbvio! Os clichês funcionam para todo mundo, mas devemos limitar a existência? Por que manifestar esse medo que não tem razão de ser?

Espera-se que um bebê cresça até atingir a idade escolar. O primeiro dia na escola, uma experiência de vida! Sair de casa e passar o dia inteiro em companhia de ilustres desconhecidos. No meu primeiro dia na escola, eu chorava. Tinha medo, medo de estar no meio de pessoas que eu não conhecia, em um lugar onde nunca tinha ido. Três meses depois, tomei gosto de ir para a escola porque aqueles ilustres desconhecidos viraram meus colegas e outros, meus amigos. Eu não tinha mais medo.

O medo é uma espiral mortal, o medo do estrangeiro é um círculo suicida num contexto onde o mundo torna-se uma vila, onde as barreiras tornam-se pontes. O racista, assim como o tribalista, é esse bebê que continua a chorar de medo, que deseja voltar a viver no ventre da mãe em vez de se deixar embalar com todo o amor da convivência e dar à humanidade a beleza de suas cores. O medo é onipresente, está no mercado, na delegacia, na igreja, na escola. O medo não é apenas ideológico, ele tem um lugar dentro das instituições públicas, nos registros, na administração dos povos *originários*. O medo é fecundo; ele é esse grão plantado que vai crescer para se tornar uma árvore e dar frutos: a violência, a intolerância, as arestas, o complotismo, o negacionismo, o sectarismo, a discriminação, as desigualdades. É necessário afastar o medo para experimentar o lado mais belo da vida. É necessário afastar o medo para descobrir as maravilhas do mundo.